

A SEMANA – 103

John Gledson

Pela porta da legislação, Machado entra numa questão candente: as apostas, os jogos de azar, mania que nas suas várias formas – as corridas do Jóquei, os “Frontões” de pelota basca, e sobretudo o jogo do bicho – se alastrava pela sociedade. A legislação sobre o assunto pode deixar lugar a diferenças de opinião, mas sente-se que Machado pouco se interessava por ela – diga o que diga a lei, esses jogos continuarão. Sente-se porém que processar as lutas de galo sob o pretexto de serem “jogos de azar” cheira a repressão social. Para Machado, deviam ser proibidos por outro motivo: sua crueldade e artificialidade (a ausência das galinhas). O assunto o leva a um tema recorrente: o espiritismo, segundo o qual, logicamente, podíamos renascer galos. O livro espírita “que um sabedor dessa escola vai dar em breve ao prelo” é invenção satírica, é claro, mas isso não diminui seu interesse. Lembra muito *Esau e Jacó* (pelos gêmeos sobretudo), e, no fim, “O alienista” (“a derradeira casa de saúde”). Parece corresponder a uma linha de especulação do autor, de Machado, sobre uma espécie de entropia, de degradação, uma descida lenta para o caos, o incesto, o ensimesmamento e o fim.



A SEMANA

20 de maio de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Creio em poucas coisas, e uma das que entram no meu credo, é a justiça, tanto a do céu quanto a da terra, assim a pública como a particular. Além da fé, tinha a vocação, e, mais dia menos dia, não seria de estranhar que propusesse uma demanda a alguém. O adágio francês diz que o primeiro passo é que é difícil;¹ atuada a primeira petição, iriam a segunda e a terceira, a décima e a centésima, todas as petições, todas as formas de processo, desde a ação de dez dias até à de todos os séculos.

Tal era o meu secreto impulso, quando o Instituto dos Advogados teve a ideia de escrever e votar que a justiça não é exercida, porque dorme ou conversa, não sabe o que diz, tudo de mistura com uma história de leiloeiros, síndicos e outras coisas que não entendi bem.² Como nos grandes dias do romantismo, senti um abismo aberto a meus pés. A fé, que abala montanhas, chegou a ficar abalada em si mesma, e estive quase a perder uma das partes do meu credo. Consertei-o depressa; mas não é provável que nestes meses mais próximos litigue nada ou querele de ninguém. Poupo as custas, é verdade, do mesmo modo que poupo o dinheiro, não assinando um lugar no teatro lírico; quem me dará *Lohengrin*³ e um libelo?

Entretanto, sem examinar o capítulo da conversação nem o dos leiloeiros, creio que a inconsistência ou variedade das decisões pode ser vantajosa em alguns casos. Por

¹ “Il n’y a que le premier pas qui coûte”: provérbio francês.

² O funcionamento da justiça no Rio desandava, segundo o próprio Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros (que parece estar defendendo a sua exclusividade). No dia 16 de maio, na primeira página da *Gazeta e do Jornal do Commercio*, sob o título “O estado do foro”, há uma reportagem sobre uma sessão do Instituto, em que se leu um parecer, que cito, grifando as palavras citadas na crônica. “A anarquia que predomina no foro, os abusos que se inocularam provêm principalmente do esquecimento dos deveres que a lei impôs aos juízes. (...) / Não são assíduos, gastam o tempo em *conversas*, muitas vezes a portas fechadas, fazendo o suplício dos que pedem despachos (...)” Comenta “os abusos cometidos diariamente por falsos advogados, solicitadores e procuradores, que destarte iludem a boa-fé dos incautos que lhes confiam a defesa de seus direitos”. Mais abaixo, diz: “A justiça caiu em descrédito e a parte administrativa – designação de *síndicos*, liquidantes, inventariantes, peritos, *leiloeiros*, corretores, etc. – tem dado lugar que, se todos fossem procedentes, denunciariam uma grande depressão dos costumes judiciários”.

³ Ópera (1848) de Richard Wagner (1813-1883).

exemplo, um dos nossos magistrados decidiu agora que a briga de galos não é jogo de azar, e não o fez só por si, mas com vários textos italianos e adequados.⁴ Realmente, – e sem sair da nossa língua, – parece que não há maior azar na briga de galos que na corrida de cavalos, pelotaris⁵ e outras instituições. O fato da aposta não muda o caráter da luta. Dois cavalos em disparada ou dois galos às cristas são, em princípio, a mesma coisa. As diferenças são exteriores. Há os palpites na corrida de cavalos, prenda que a briga de galos ainda não possui, mas pode vir a ter. Os cavalos têm nomes, alguns cristãos, e os galos não se distinguem uns dos outros. Enfim, parece que já chegamos à economia de fazer correr só os nomes sem os cavalos, não havendo o menor desaguisado na divisão dos lucros. Desceremos às sílabas, depois às letras; não iremos aos gestos, que é o exercício do *pick-pocket*.⁶

Sim, não é jogo de azar; mas se a sentença fosse outra, podia não ser legal, mas seria justa, ou, quando menos, misericordiosa. Os galos perdem a crista na briga, e saem cheios de sangue e de ódio; não é o brio que os leva, como aos cavalos, mas a hostilidade natural, e isto não lhes dói somente a eles, mas também a mim. Que briguem por causa de uma galinha, está direito; as galinhas gostam que as disputem com alma, se são humanas, ou com o bico, se são propriamente galinhas. Mas que briguem os galos para dar ordenado a curiosos ou vadios, está torto.

Se o homem, como queria Platão, é um galo sem penas,⁷ compreende-se esta minha linguagem; trato de um semelhante, defendo a própria espécie. Mas não é preciso tanto. Pode ser também que haja em mim como que um eco do passado. O espiritismo ainda não chegou ao ponto de admitir a encarnação em animais, mas lá há de ir, se quiser tirar todas as consequências da doutrina. Assim que, pode ser que eu tenha sido galo em alguma vida anterior, há muitos anos ou séculos. Concentrando-me⁸ agora, sinto um eco remoto, alguma coisa parecida com o canto do galo. Quem sabe se não fui

⁴ A origem deste comentário é uma reportagem do *Jornal do Commercio* do dia 16 de maio, páginas 1 e 2, que vem logo abaixo do item citado na nota 2. Um promotor tinha processado quatro indivíduos por terem promovido uma luta de galos, argumentando que era jogo de azar, e portanto ilegal, segundo uma lei de 1893. O magistrado, dr. Cardoso de Gusmão, declara que não se conforma com tal opinião. Definir “jogo de azar” como dependendo “exclusivamente de sorte” é restritivo demais, segundo ele, ficando praticamente sem sentido, e cita (em italiano) uma legislação italiana, em que jogo de azar é o que depende “*interamente o quasi interamente*” da sorte. Cita Macedo Soares, legislador brasileiro (“adequado” em termos machadianos?) que diz que “a lei só pode imiscuir-se em transação de tal natureza quando nelas intervém o dolo ou a fraude: ‘Iludiu, ou foi iludido’”. A mesma lei, nº 369, continua Cardoso de Gusmão, diz explicitamente que não estão compreendidas na proibição de jogos de azar “as apostas de corridas a pé ou a cavalo, e outras semelhantes”. As brigas de galos escapariam, portanto, à sanção penal.

⁵ Ver crônica de 14 de janeiro de 1894, nota 2. De fato, há muita semelhança entre essas duas crônicas sobre o jogo.

⁶ Batedor de carteira.

⁷ Segundo Diógenes Laércio (?-?) nas suas *Vidas e opiniões dos filósofos*, Platão teria definido o homem como um animal com duas pernas e sem plumas. Diógenes de Sinope, o filósofo cínico, desplumou um galo, e levou-o à Academia, dizendo: “Eis o homem de Platão”.

⁸ Aurélio põe aqui uma vírgula, que não está na *Gazeta*.

eu que cantei as três vezes que serviram de prazo para que S. Pedro negasse a Jesus?⁹ Assim se explicarão muitas simpatias.

Só a doutrina espírita pode explicar o que sucedeu a alguém, que não nomeio, esta mesma semana. É homem verdadeiro; encontrei-o ainda espantado. Imaginai que, indo ao gabinete de um cirurgião-dentista, achou ali um busto, e que esse busto era o de Cícero.¹⁰ A estranheza do hóspede foi enorme. Tudo se podia esperar em tal lugar, o busto de Cadmo,¹¹ alguma alegoria que significasse aquele velho texto: *Aqui há ranger de dentes*, ou qualquer outra composição mais ou menos análoga ao ato; mas que ia fazer Cícero naquela galera?¹² Prometi à pessoa, que estudaria o caso e lhe daria daqui a explicação.

A primeira que me acudiu, foi que, sendo Cícero orador por excelência, representava o nobre uso da boca humana, e conseqüentemente o da conservação dos dentes, tão necessários à emissão nítida das palavras. Como bradaria ele as catilinárias, sem a integridade daquele aparelho? Essa razão, porém, era um pouco remota. Mais próxima que essa seria a notícia que nos dá Plutarco, relativamente ao nascimento do orador romano; afirma ele, – e não vejo por onde desmenti-lo, – que Cícero foi parido sem dor. Sem dor! A supressão da dor é a principal vitória da arte dentária.¹³ O busto do romano estaria ali como um símbolo eloquente, – tão eloquente como o próprio filho daquela bendita senhora. Mas esta segunda explicação, se era mais próxima, era mais sutil; pu-la de lado.

Refleti ainda, e já desesperava da solução, quando me acudiu que provavelmente Cícero fora dentista em alguma vida anterior. Não me digam que não havia então arte dentária; havia a China, e na China, – como observei aqui há tempos,¹⁴ – existe tudo, e o que não existe, é porque já existiu. Ou dentista, ou um daqueles mandarins que sabiam proteger as artes úteis, e deu nobre impulso à cirurgia da boca. Tudo se perde na noite dos tempos, meus amigos; mas a vantagem da ciência, – e particularmente da ciência espírita¹⁵ – é clarear as trevas e achar as coisas perdidas.

Um sabedor dessa escola vai dar em breve ao prelo um livro, em que se verão a tal respeito revelações extraordinárias. Há nele espíritos, que não só vieram ao mundo

⁹ Mateus 26:34,74-75.

¹⁰ Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), orador, filósofo e político romano. As catilinárias (no parágrafo seguinte) foram os dois discursos que fez contra Lucius Sergius Catilina, chefe de uma conspiração que ameaçou a república, e que ficaram sendo sinônimos de discursos violentamente denunciatórios. A história do parto sem dor vem no começo da *Vida* de Cícero, de Plutarco.

¹¹ Herói da mitologia grega, fundador da cidade de Tebas, que matou um dragão, cujos dentes depois semeou; destes dentes nasceram homens armados que se entremataram: sobreviveram cinco, que foram os antepassados dos tebanos.

¹² “Que ia fazer Cícero nesta companhia?” A palavra “galera” entra numa frase de *Les fourberies de Scapin*, de Molière, que entrou na língua comum, e que Machado usa mais de uma vez: “Que diable allait-il faire dans cette galère?”

¹³ Ao longo do séc. XIX, avançavam os meios de anestesiá-los os pacientes, principalmente usando o clorofórmio.

¹⁴ Ver crônica de 15 de abril de 1894.

¹⁵ Aurélio põe aqui uma vírgula, que não está na *Gazeta*.

duas e três vezes, mas até com sexo diverso. Um tempo viveram homens, outro mulheres. Há mais! Um dos personagens veio uma vez e teve uma filha; quando tornou, veio o filho da filha. A filha, depois de nascer do pai, deu o pai à luz.

Algum dia (creio eu) os espíritos nascerão gêmeos e já casados. Será a perfeição humana, espiritual e social. Cessará a aflição das famílias, que buscam aposentar as moças, e dos rapazes que procuram consortes. Virão os casais já prontos, dançando o minuete da geração... Haverá assim grande economia de espíritos, visto que os mesmos irão mudando de consortes, depois de um pequeno descanso no espaço.

Nessa promiscuidade geral dos desencarnados, pode suceder que os casais se recomponham, e, após duas ou três existências com outros, Adão tornará a nascer com Eva, Fausto com Margarida, Filêmon com Báucis.¹⁶ Mas a perfeição das perfeições será quando os espíritos nascerem de si mesmos. Com alguns milhões deles se irá compondo este mundo, até que, pela decadência natural das coisas, baste um único espírito dentro da única e derradeira casa de saúde. Ó abismo dos abismos!



¹⁶ Filêmon e Báucis: casal frígio cujos nomes são símbolos do amor conjugal, na mitologia grega.